

Ana Paula Tridapalli de Almeida

**SENTIDOS EM REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE
ENTRE PARTICIPANTES DE DIFERENTES EVENTOS E
POPULAÇÃO EM GERAL**

Monografia submetida ao Curso de
Graduação em Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Santa
Catarina para obtenção do Grau de
Licenciado em Ciências Biológicas.
Orientador: Prof. Dr. Edmundo Carlos
de Moraes.

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pela autora através do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

ALMEIDA, A. P. T. Sentidos em Representações de Meio Ambiente entre participantes de diferentes eventos e população em geral. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Curso de Graduação em Ciências Biológicas, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

Ana Paula Tridapalli de Almeida

**SENTIDOS EM REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE
ENTRE PARTICIPANTES DE DIFERENTES EVENTOS E
POPULAÇÃO EM GERAL**

Esta Monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de “Licenciado”, e aprovada em sua forma final pelo Curso de Graduação em Ciências Biológicas.

Florianópolis, 25 de julho de 2013.

Prof.^a Maria Risoleta Freire Marques, Dr.^a
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^o Edmundo Carlos de Moraes, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Patricia Montanari Giraldi, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Patrícia Barbosa Pereira, M^a.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Paula Cals Brugger Neves, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho a todas as pessoas que disponibilizaram alguns minutos de seu tempo para me responder sobre suas concepções de meio ambiente. Em especial, aos participantes da Cúpula dos Povos na Rio+20, que me emocionaram com suas palavras e desabafos.

AGRADEÇO

Aos meus pais, em especial à minha mãe, por sempre vibrar com minhas conquistas como se fossem dela.

À minha irmã, e às nossas amadas Tulipa e Milka, pelas alegrias.

Ao Chitão, pela amizade, companheirismo e amor.

Ao prof. Edmundo, muito obrigada, pela orientação, pelos ensinamentos e por tornar essa caminhada rumo ao TCC mais leve.

Aos colegas de grupo, Ju, Andi e Ronda, pelas conversas e por compartilharem dúvidas e angústias comigo.

E às queridas meninas que me ajudaram com as entrevistas durante o Congresso de Ecologia: Camilinha, Ari, Ju Corrêa, Ju Loc, Malu e Fer.

À banca, por aceitar o convite, pela gentileza das palavras e contribuições.

À Suzani e ao Leandro, por avaliarem o projeto e colaborarem com esse trabalho.

A diversos professores e funcionários da UFSC, que me ensinaram muito nesses anos. Em especial, à Chirle, pelo exemplo de profissionalismo e caráter.

Às amigas, Paulinha, Manu e Tamila, pelas risadas e bons momentos vividos.

Ao Grupo Tecendo, onde dei meus primeiros passos rumo à Educação Ambiental.

Ao CABio e a todos que constroem, coletivamente, esse espaço único.

Aos EREBs, ENEBs e Congressos de Educação e Agroecologia, pelas experiências e amadurecimentos que me proporcionaram.

Ao GEABio e a todos os amigos do grupo, que possamos continuar juntos e realizando nossos sonhos de um mundo melhor.

Aos parceiros da Horta, que continuemos firmes em nossas pequenas revoluções.

À Horta, por tudo que me ensinou.

À vida e a todos os seres que coexistem nesse universo, sou grata.

Existem muitas janelas através das quais podemos observar o mundo, em busca de algum significado.

Existem as que foram abertas pela ciência, com as vidraças polidas por uma sucessão de mentes brilhantes, penetrantes.

Mas existem outras janelas; janelas que foram descerradas pelas lógicas dos filósofos; janelas através das quais os místicos buscam sua visão da verdade; janelas nas quais os líderes das grandes religiões se debruçaram em sua busca de um propósito.

A maioria de nós, quando medita sobre o mistério de nossa existência, perscruta o mundo através de apenas uma dessas janelas. E até mesmo essa única costuma ficar embaçada pelo hálito de nossa humanidade finita. Com as costas da mão desembaçamos um pedacinho e por ali olhamos.

(Jane Goodall, 1991)

RESUMO

O termo “meio ambiente” popularizou-se muito nas últimas décadas, no entanto, muitas vezes ele é utilizado sem que haja uma reflexão crítica sobre seus significados. Nessa pesquisa, investigo representações de meio ambiente frequentes em nossa sociedade e alguns sentidos presentes nessas representações. Para tanto, questioneei participantes de diferentes eventos científicos na área de Ciências e Biologia; da Cúpula dos Povos na Rio +20; e moradores do município de Florianópolis, SC, sobre suas concepções de meio ambiente. Utilizo a teoria das Visões de Mundo e a Análise de Discurso de linha francesa, como referenciais teórico-metodológicos. Os resultados sugerem que as visões de mundo, a formação profissional e as condições de produção dos discursos influenciam nos sentidos atribuídos ao meio ambiente.

Palavras-chave: meio ambiente, visões de mundo, análise de discurso

ABSTRACT

The word "environment" has become popular in the last decades, however, often it is used without a critical reflection on their meaning. In this research, I investigated the prevalent representations concerning environment in our society and some sense in those representations. For that, I asked participants from different scientific events, from People's Summit at Rio +20, and residents from Florianópolis city, about their environment conceptions. I employ the Worldview Theory and French Discourse Analysis as a theoretical and methodological frame of work. The results suggest that the worldviews, vocational training and the production conditions of discourses influence the meanings attributed to environment.

Keywords: environment, worldviews, discourse analysis

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 Objetivos	21
1.1.1 Objetivo geral	21
1.1.2 Objetivos específicos	21
2 REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	23
2.1 Concepções de meio ambiente	23
2.2 Representações sociais	26
2.3 Visões de mundo e experiência	28
2.4 Análise de discurso	30
3 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA PESQUISA	35
3.1 Objeto de estudo	35
3.2 Coleta dos dados	35
3.3 Análise dos dados	37
3.4 Condições de produção dos discursos sobre meio ambiente	39
3.4.1 EREBio - Encontro Regional de Ensino de Biologia - 2011	39
3.4.2 CEB - Congresso de Ecologia do Brasil - 2011	40
3.4.3 Cúpula - Cúpula dos Povos na Rio +20 - 2012	40
3.4.4 População em Geral - Centro e Shopping Center - 2011	42
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
4.1 Diferentes sentidos em representações de meio ambiente	43
4.1.1 Representações que incluem “Somente Elementos Naturais”	46
4.1.1.1 Diferentes sentidos sobre meio ambiente em representações Naturalistas	48
4.1.2 Representações que incluem “Elementos Naturais e Humanos”	53

4.1.2.1 Diferentes sentidos sobre meio ambiente em representações que incluem “elementos naturais e humanos”	55
4.2 Grandes grupos de representações de meio ambiente.....	59
4.3 Representações de meio ambiente e formação profissional.....	62
4.4 A ideia de integração nas representações de meio ambiente.....	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
6. REFERÊNCIAS.....	71
ANEXOS.....	75

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve início no ano de 2011, quando entrei em contato com o artigo “Representações de Meio Ambiente entre estudantes e profissionais de diferentes áreas do conhecimento” (Moraes *et al.*, 2000). Tal estudo analisou as concepções de meio ambiente entre participantes de dois eventos acadêmicos (um mais voltado para a Ciência e outro para a Educação) e também de pessoas escolhidas, aleatoriamente, nas ruas de Florianópolis e em um Shopping Center da cidade.

Essa pesquisa chamou minha atenção por constatar que a maioria das pessoas entrevistadas entendiam meio ambiente como sinônimo de natureza, no entanto isso era variável de acordo com a formação e a atuação profissional do público. Por exemplo, estudantes e profissionais de Educação ou Ciências Humanas e Sociais incluíam, com mais frequência, o ser humano em sua concepção de meio ambiente do que estudantes e profissionais de Ciências Exatas, da Vida ou da Terra ou que o público em geral.

Em 2011, completavam quinze anos que o estudo de Moraes *et al.* (2000) fora realizado (as entrevistas aconteceram em 1996) e tive a curiosidade de saber se, quinze anos depois, as concepções de meio ambiente haviam mudado. Considero que nesse intervalo de tempo ampliou-se muito a discussão sobre meio ambiente, e a temática ambiental ganhou visibilidade na mídia e apelo entre a sociedade.

Nesses quinze anos, foi instituída no Brasil, através da Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999, a Política Nacional de Educação Ambiental (Brasil, 1999), que coloca, entre outras coisas, como princípios básicos da educação ambiental (Art. 4º):

- I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III - o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade (Brasil, 1999).

A questão ambiental também começou a repercutir mais nas escolas do Brasil e, em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram divulgados pelo Conselho Nacional de Educação e trouxeram “meio ambiente” como um dos temas transversais da educação brasileira. Segundo os PCNs, os temas transversais traduzem preocupações atuais da sociedade e, por serem importantes, urgentes e presentes no cotidiano, merecem discussão e devem perpassar os demais conteúdos (Brasil, 1998).

Além da sistematização legal da educação ambiental no Brasil (com a Lei 9.795/99) e da inclusão do tema meio ambiente nos PCNs, nos últimos quinze anos a questão ambiental esteve muito em voga em filmes, documentários, palestras, congressos, projetos em escolas e universidades, no meio político e publicitário. Muitos setores da sociedade se apoderaram de “discursos ambientais” de forma que o termo meio ambiente está banalizado entre a população. Mas o que, de fato, significa meio ambiente para essa população? Quais os sentidos construídos em torno dessas palavras?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Diante dos questionamentos feitos anteriormente, este trabalho tem como objetivo identificar alguns dos principais sentidos atribuídos ao meio ambiente em representações de diferentes populações e/ou locais de estudo.

1.1.2 Objetivos específicos

- Fazer um levantamento das representações de meio ambiente presentes entre participantes de eventos científicos na área de Ciências e Biologia; entre participantes da Cúpula dos Povos na Rio +20; e moradores do município de Florianópolis, SC;
- Analisar os sentidos presentes nessas representações;
- Identificar possíveis relações entre representações de meio ambiente e a formação profissional;
- Compreender de que forma o contexto de produção dos discursos influencia na maneira de representar o meio ambiente;
- Comparar os resultados obtidos nesta pesquisa com os encontrados no estudo de Moraes *et al.* (2000).

2 REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nas páginas a seguir, discorro, brevemente, sobre teorias e conceitos que nortearão essa pesquisa e estarão presentes na análise dos resultados. Abordo as concepções de meio ambiente; as representações sociais; a teoria das visões de mundo e suas relações com o saber de experiência; e a análise de discurso de linha francesa.

2.1 CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE

Nós, seres humanos, expressamos ideias através de palavras, principalmente. Possuímos um grande arsenal de vocábulos e lançamos mão deles para nos comunicar. Porém, não temos por hábito refletir sobre os sentidos atribuídos as essas palavras. Como a linguagem é algo dinâmico, que se modifica e se transforma, há sempre múltiplos sentidos para uma mesma palavra.

Farei, no presente trabalho, o exercício de refletir sobre os sentidos atribuídos à expressão “meio ambiente”, a partir de diferentes olhares. Começo, então, trazendo reflexões de alguns autores sobre os significados de meio ambiente. Mas reforço que, como aponta Sato (1997), trata-se de um tema em processo de construção, cuja definição é controversa.

A Política Nacional do Meio Ambiente (Lei Nº 6.938, de 31 de agosto de 1981), entende por meio ambiente: “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (Brasil, 1981). Já o dicionário Aurélio, traz a seguinte definição: “1. Conjunto das condições biológicas, físicas e químicas nas quais os seres vivos se desenvolvem; 2. Conjunto das circunstâncias culturais, econômicas, morais e sociais em que vive um indivíduo” (Ferreira, 2008).

Para Dias (1992, p. 03), meio ambiente é a “totalidade que contempla os aspectos naturais e criados pelo homem (tecnológico e social, econômico, político, histórico-cultural, moral e estético)”.

Todas as definições até então apresentadas possibilitam uma interpretação de meio ambiente como um espaço ou “conjunto de condições”, físicas ou culturais, que circundam os seres vivos, mas que não os inclui na definição. Nessa perspectiva, os seres vivos (humanos ou não) não são meio ambiente, eles apenas o habitam.

Outra possibilidade de compreensão é que o meio ambiente é composto por esse conjunto de condições, físicas e culturais, e também pelos seres vivos, humanos ou não, uma vez que a simples presença desses seres modifica o meio. Em outras palavras, uma possibilidade é definir o meio ambiente como “a minha casa”, que traz, explicitamente, a ideia de espaço físico. Outra possibilidade é definir meio ambiente como “minha casa + minha família”. Nessa última perspectiva o meio ambiente é algo mais complexo, uma vez que a simples saída de um membro da família já o altera.

Coimbra (2002 *apud* Pereira, 2008) define meio ambiente como uma entidade ampla, que abrange o conjunto, incluindo o hábitat com todos os seus fatores: os seres vivos que constituem o ambiente biótico e os componentes não vivos que formam o ambiente abiótico.

Soares (2003, p. 39) traz uma descrição bastante completa de meio ambiente:

O meio ambiente de um indivíduo é todo o espaço, todas as coisas vivas e “não vivas”, todos os processos e relações da natureza e da cultura onde ele está inserido, com os quais ele se relaciona, dos quais ele depende e os modifica, sendo que cada coisa é ou faz parte do ambiente das outras coisas (*apud* Pereira, 2008, p. 14).

Essa definição é interessante por considerar que cada ser tem seu meio ambiente mas também é ou faz parte do meio ambiente dos outros seres. Diante disso, pode-se fazer uma generalização e considerar que tudo é meio ambiente. No entanto o que é esse tudo? É muito difícil, para a maioria de nós, conceber o “tudo”, por isso, em geral, adotamos alguns referenciais e através deles representamos nossa concepção de meio ambiente.

Sauvé (1996) estabeleceu categorias para os principais referenciais adotados para representar o meio ambiente, que ela chamou de “concepções paradigmáticas sobre o ambiente”. Essas concepções são: (1) “meio ambiente como lugar para se viver”, o ambiente do cotidiano, na escola, nas casas, na vizinhança, no trabalho e no lazer, para ser conhecido e aprendido, planejado, cuidado; (2) “meio ambiente como natureza”, para ser apreciado, respeitado, preservado; (3) “meio ambiente como um recurso”, para ser gerenciado; (4) “meio ambiente como um problema”, para ser resolvido; (5) “meio ambiente como a

biosfera”, onde devemos viver juntos no futuro; (6) “meio ambiente como projeto comunitário”, onde somos envolvidos. Essa última categoria, segundo a autora, é o ambiente pensado pela e para a comunidade, que estuda e discute um problema para identificar elementos de consenso que possam levar a soluções (Sauvé, 1996).

É interessante perceber que cada concepção traz embutida uma maneira de interação, ou um modo de agir, frente a esse meio ambiente concebido. Por exemplo, se eu concebo o meio ambiente como um recurso, minha postura diante de um recurso é de gerenciá-lo, para, provavelmente, garantir que ele não se esgote e, assim, não me falte. É uma postura de posse diante do ambiente. Assim, nossas concepções, acabam por definir nossa atuação. Isso será mais discutido no decorrer do trabalho.

Reigota (1995) estabelece o conceito de meio ambiente como uma representação social. Em seu trabalho intitulado “Meio Ambiente e Representações Sociais”, o autor propõe três categorias para as representações sociais mais comuns de meio ambiente: (1) “Naturalista”, evidencia aspectos naturais, que incluem condições físico-químicas, fauna e flora, mas exclui o ser humano, colocando-o como observador externo; (2) “Globalizante”, caracterizada pelas relações entre a natureza e a sociedade, englobando aspectos naturais, políticos, sociais, econômicos, filosóficos e culturais e incluindo o próprio ser humano; (3) “Antropocêntrica”, inclui os recursos naturais, que servem para usufruto do ser humano. Vale destacar que, tanto a categoria Naturalista como a Antropocêntrica têm como elemento representado a natureza, ou seja, ambas são naturalistas e não incluem o ser humano. No entanto, na visão Antropocêntrica, a natureza como um recurso a ser utilizado pelo ser humano se sobrepõe à ideia de natureza intocada e romântica, que pode ser observada na Naturalista.

Como a classificação proposta por Reigota (1995) baseia-se na teoria das representações sociais, e eu utilizarei bastante o termo “representação” neste trabalho, acho importante definir os sentidos aqui atribuídos a ele, a fim de possibilitar uma melhor compreensão do estudo apresentado.

2.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Etimologicamente, a palavra *representação* provém da forma latina *repraesentare*, que significa fazer presente ou apresentar de novo (Reis; Bellini, 2011). Provavelmente por sua etimologia, no princípio, representação era sinônimo de cópia, de espelho do mundo (Jovchelovitch, 1998 *apud* Reis; Bellini, 2011).

Émile Durkheim trouxe uma nova perspectiva para o termo representação, ao propor a expressão “representação coletiva”, que designa as categorias de pensamento pelas quais uma sociedade elabora e expressa sua realidade (Minayo, 1992 *apud* Seemann, 2003).

Reformulando a noção de representação coletiva, o psicólogo francês Serge Moscovici propõe a teoria das representações sociais. Para o autor, as representações sociais são conjuntos de conceitos, proposições e explicações sobre a realidade, originados no cotidiano e nas relações interpessoais (Seemann, 2003).

Denise Jodelet, importante colaboradora e divulgadora do trabalho de Moscovici, define representação social como uma forma de conhecimento, construído e compartilhado socialmente, que determina uma realidade comum entre dado grupo social (Jodelet, 1989 *apud* Sá, 1996).

É interessante notar a importância do contexto social como fator que define as possibilidades de compreender e representar a realidade. Dessa forma, o ser humano não concebe o mundo sozinho, pois ele é influenciado por todos com quem convive e compartilha experiências e conhecimentos.

O termo senso comum também é utilizado para falar de representações sociais. Assim como o conhecimento científico, o senso comum envolve conjuntos de abstrações, formalizações e generalizações (Reis; Bellini, 2011). O senso comum tem uma história e envolve um saber popular que se baseia muito na observação e na reprodução do “já dito”.

Guaréschi (1996) diz que o conceito de representação social é dinâmico, amplo, relacional, político-ideológico e, por tudo isso, social. O autor também apresenta três postulados de Allansdottir *et al.* (1993), que sistematizam bem o conceito de representação social:

- 1) é um conceito dinâmico e explicativo, tanto da realidade social, como física e cultural, possui uma dimensão histórica e transformadora;
- 2) reúne aspectos culturais, cognitivo e valorativo, isto é, ideológicos;
- 3) está presente nos meios e nas mentes, isto é, ele se constitui numa realidade presente nos objetos e nos sujeitos; é um conceito relacional, e por isso social (Guareschi, 1996, p. 18).

De acordo, então, com a teoria das representações sociais, a maneira como um sujeito percebe, define e representa um objeto (ou uma realidade) é um processo cognitivo pessoal, porém influenciado sobremaneira pelo contexto social, cultural, ideológico e pelas relações estabelecidas por esse sujeito. Luckesi (2002, p. 03), afirma que “os padrões culturais coletivos de uma determinada sociedade são tão consistentes e fortes que imprimem sobre cada um de seus membros determinadas maneiras de compreender e de agir na vida”. Esses padrões estão tão introjetados em nós que, por vezes, pensamos que eles são “naturais”, quando, na verdade, eles são constantemente criados e recriados pelo ser humano.

Gostaria de levantar duas questões que considero importantes. A primeira delas refere-se ao fato de existirem representações hegemônicas, ou seja, que predominam no pensamento coletivo e que podem determinar a maneira como o indivíduo interpreta e age em sua realidade. A outra questão, que se relaciona com a primeira, é que existem espaços em que as representações sociais, em especial as hegemônicas, são constantemente transmitidas, reforçadas e validadas. Um desses espaços é a escola. Diante disso, as concepções de professores ou futuros professores, sobre determinado tema, definem a maneira como esse professor abordará esse tema.

Segundo Cobern (1991), o que pensamos tem grande influência sobre nossas ações. Heimstra e McFarling (1978 *apud* Sato, 1997) afirmam que o comportamento humano decorre da percepção individual do ambiente em que se vive e essa percepção é o fator que desencadeia e determina os diferentes tipos de relacionamentos com o meio ambiente.

Para Smyth (1995 *apud* Sato, 1997), nossas percepções sobre o ambiente externo são sempre modificadas por nossos ambientes internos, isto é, fazemos a leitura da realidade de acordo com nossas

necessidades, memórias e experiências. Toda essa “bagagem” que carregamos conosco molda nossa forma de perceber, conceituar e representar o mundo. Essa “bagagem” pode ser chamada também de “visões de mundo” e é sobre elas que discorro a partir de agora.

2.3 VISÕES DE MUNDO E EXPERIÊNCIA

Segundo Kearney (1984 *apud* Cobern, 1991), visão de mundo consiste em pressupostos básicos que proporcionam uma forma mais ou menos coerente de se ver o mundo. É um conjunto de valores, conceitos e crenças, que dão significado à realidade em que se vive e se produz conhecimento (Norton 1991 *apud* Disinger; Tomsen, 1995), assim não é apenas a forma de ver, mas também de interpretar e compreender o mundo.

Visões de mundo incluem suposições que podem não ser comprovadas, mas que fornecem as fundamentações epistêmicas e ontológicas para outras crenças (Koltko-Rivera, 2004 *apud* Boer, 2007). Elas definem o que é certo e errado e se existe “certo e errado”. É pela visão de mundo que se limita o que pode ser conhecido ou feito no mundo, além de definir que objetivos podem ser procurados e atingidos na vida. Ela define os limites entre o eu e o não-eu, e molda a visão do universo, a concepção de tempo e de espaço (Cobern, 1991).

Diante do exposto percebe-se que a visão de mundo define a percepção do ambiente. Esse ambiente é percebido através dos sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição), mas esses sentidos são significados através da cultura, da história, da ideologia e dos processos educativos.

A construção das visões de mundo, assim como a percepção do ambiente, ocorre através de processos educativos, sejam eles formais ou não. Dessa forma, a maneira como a realidade é interpretada sofre influência da educação. Em contrapartida, a educação se sustenta nas visões de mundo predominantes (ou representações hegemônicas), num processo contínuo de retroalimentação. Dessa forma, qualquer tentativa de ruptura com certas visões de mundo e percepções do ambiente passará também por modificações educacionais.

Um dos fatores que impulsionam novas aprendizagens são as experiências. Crenças e conceitos podem ser modificados ou reforçados

a partir de novas experiências. O autor Jorge Larrosa Bondía, ao falar sobre o saber advindo da experiência, diz que:

A experiência requer um gesto de interrupção, que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Bondía, 2002, p. 24).

Com as palavras do Bondía, percebe-se que experiência não é qualquer coisa que nos acontece, mas aquilo que verdadeiramente nos toca e nos faz refletir. Também segundo o autor, as experiências são cada vez mais raras atualmente, devido ao excesso de informação, à falta de tempo e ao automatismo das ações cotidianas (Bondía, 2002).

O autor reforça que existe uma lógica generalizada de destruição das possibilidades de experiência. Ele afirma que os aparatos educacionais funcionam, cada vez mais, nessa lógica, principalmente pela velocidade em que operam.

Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece (Bondía, 2002, p. 23).

Algumas experiências, quando acontecem, são tão marcantes e fortes que podem se confrontar com o que acreditamos e, por vezes, alterar nossas crenças. Moraes (2004) diz que quando novos conceitos são compatíveis com uma visão de mundo eles são assimilados. No entanto, quando eles são incompatíveis com uma visão de mundo, podem ser rejeitados ou a visão de mundo pode ser modificada.

Ribeiro (2003) ressalta que, também, os valores são construídos a partir das experiências e, mais ainda, da repetição ou confirmação de suas leituras. Segundo a autora, nem sempre estamos atentos às interpretações que fazemos de nossas experiências, pois isso pode demandar muito trabalho consciente, mas elas interferem na maneira como atribuímos valores a nossa realidade.

Parece-me claro, então, que a experiência é fundamental para construir, modificar ou reforçar visões de mundo. Essas visões de mundo modulam as possibilidades de percepção do ambiente, que, por sua vez, influencia em nossas posturas e atitudes diante da realidade deste ambiente. Em última análise, as experiências modificam nossas atitudes.

A partir de agora, passo a falar de um referencial que será importante enquanto ferramenta de análise dos sentidos construídos sobre o meio ambiente, trata-se da análise de discurso.

2.4 ANÁLISE DE DISCURSO

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação (Freire, 1985, p. 45).

Segundo Pádua (2002) a análise de discurso é um método criado pelo norte-americano Z.Harris, mas que foi bastante desenvolvido por Mikhail Bakhtin, na Rússia, e por Jean Dubois e Michel Pêcheux, na França.

Neste trabalho, tomarei como referência a análise de discurso francesa, que tem como questão crucial a constituição dos processos de significação (Orlandi, 2000). A análise de discurso não entende a linguagem como um meio de transmissão de informações ou um mero instrumento de comunicação, mas sim como um processo de produção de sentidos entre interlocutores (Orlandi, 2000). Ou seja, sai de cena a ideia de que o sentido é emitido por aquele que fala e recebido por aquele que escuta. Na análise de discurso, os sentidos são construídos por ambos interlocutores.

Nessa perspectiva, a linguagem não pode ser vista como algo transparente, que será compreendido da mesma forma por todas as pessoas. Pelo contrário, um mesmo termo pode ser interpretado de maneira muito distinta por diferentes pessoas (Flôr e Cassiani, 2008). Ou seja, eu posso falar algo com um determinado sentido e quem me escuta entender o que foi dito, mas atribuir um sentido totalmente diferente para o enunciado. Isso é válido para qualquer tipo de linguagem, oral, escrita, gestos, imagens, etc., pois o sentido não está apenas no texto ou imagem, mas, principalmente, na interpretação que é feita desse texto ou imagem (Flôr e Cassiani, 2008).

A análise de discurso coloca a linguagem (os discursos) dentro de um contexto muito amplo, que leva em consideração diversos fatores, como quem são os sujeitos que produziram os sentidos nos discursos, quais suas ideologias, histórias de vida, em que conjunturas sociais e políticas se encontram, por que e para quem falam. A partir dessa reflexão, tentarei explicar alguns conceitos importantes na análise de discurso, tais como: *interdiscurso*; *formação discursiva*; *condições de produção*.

Orlandi (2000) diz que todo discurso nasce em outro e aponta para outro. Ou seja, há uma relação entre o dizer de um sujeito e outras coisas que já foram ditas sobre o assunto em questão; e há também sempre algo que ele quer dizer (quer apontar). Esses outros discursos, que permeiam o que é dito, são chamados de *interdiscurso*. Isso quer dizer que, de certa forma, os discursos são constantemente reproduzidos e ressignificados, eles não partem do nada.

O sujeito não se apropria da linguagem individualmente. A forma dessa apropriação é social. Nela está refletido o modo como o sujeito o fez, ou seja, sua interpelação pela ideologia (Orlandi, 2000, p.19).

O interdiscurso nada mais é do que a memória, ou seja, o “já dito” (Arante, 2009). Ele permite situar o dizer de um sujeito em sua historicidade e significância. A memória, ou o interdiscurso, fala antes, independente e está sob a dominação de formações ideológicas (Orlandi, 2007 *apud* Arante, 2009). Por isso, o discurso não é neutro, ele está sempre marcado por sentidos pré-existentes.

Outro conceito importante na análise de discurso é o de *formação discursiva*, que se refere “àquilo que, numa formação ideológica dada, – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.” (Orlandi, 2007 *apud* Sena, 2013, p.19). Assim, entende-se que os sentidos não estão nas palavras em si, mas, principalmente, nos discursos em voga em determinada conjuntura, que determinam o que pode ou não ser dito. Por isso, o que não é dito, ou seja, é silenciado, também faz parte do discurso e dessa “formação ideológica”.

Para *condições de produção* há dois diferentes sentidos: o sentido estrito, que inclui as circunstâncias da enunciação, num contexto imediato; e o sentido amplo, incluindo o contexto histórico-social e ideológico (Orlandi, 2007 *apud* Arante, 2009). As condições de produção podem ser explicitadas a partir do entendimento de quando, como, por quem, para quem, por que e para que algo foi dito ou escrito (Sena, 2013).

Duas questões importantes de serem analisadas nas condições de produção de um discurso são: o mecanismo de antecipação e a relação de forças. No mecanismo de antecipação, o sujeito tenta prever e dizer o que seu interlocutor espera ouvir (Orlandi, 2000). Ou seja, quem fala orienta seu discurso de acordo com o que acredita que seu interlocutor gostaria de ouvir.

Um exemplo de formação discursiva e mecanismo de antecipação é a escritura desse trabalho, em que, por uma questão histórica, social e de aprendizado, eu sei, mais ou menos, o que deve e o que não deve ser dito em um trabalho de pesquisa (formação discursiva). Da mesma forma, eu oriento minha escrita pensando nas possíveis interpretações que o leitor possa fazer dela (mecanismo de antecipação). Mesmo não conhecendo o leitor, sempre que escrevemos ou nos comunicamos de outras maneiras, temos em mente um interlocutor e isso orienta nossos discursos.

Quanto às relações de forças, o que está em jogo é a posição que ocupa cada um dos interlocutores, que pode influenciar no seu discurso, pois pode envolver relações de hierarquia e poder (Orlandi, 2000). O mesmo discurso pode ganhar sentidos (e valores) bastante distintos apenas por ser proferido por diferentes sujeitos. Por exemplo, uma mesma frase pode ganhar um sentido quando enunciada por professor e outro sentido quando enunciada por um estudante. Nesse caso, quem fala diz muito sobre o sentido atribuído ao que é dito. Dessa forma, os sentidos não estão apenas nas palavras, mas também em quem as produziu e em que contexto.

Os interlocutores, a situação, o contexto histórico, social e ideológico, ou seja, as condições de produção constituem o sentido da sequência verbal produzida (Orlandi, 2000, p.18).

A análise de discurso, então, propõe um olhar diferenciado para os discursos. Um olhar que se preocupa com as memórias e as formações ideológicas dos interlocutores (ou seja, suas visões de mundo); com o contexto histórico-social e com as circunstâncias da enunciação; com os mecanismos de antecipação e as relações de forças existentes na construção dos sentidos. Tudo isso influencia sobremaneira o que é ou não dito e como o dizer é compreendido.

3 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA PESQUISA

3.1 OBJETO DE ESTUDO

No ano de 2000, Moraes *et al.* publicou um estudo que investigava as concepções de meio ambiente entre três diferentes públicos: (i) participantes da III Reunião Especial da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); (ii) participantes do VIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE); (iii) população de Florianópolis, SC.

A partir das imagens contidas no cartaz publicitário da III Reunião Especial da SBPC (ANEXO 1), os entrevistados eram convidados a responder sobre suas concepções de meio ambiente. Como resultado, percebeu-se que havia uma relação entre formação profissional e as concepções de meio ambiente e, também, que a maioria dos entrevistados demonstrou uma concepção Naturalista (Reigota, 1995) de meio ambiente (Moraes *et al.*, 2000).

Ao tomar conhecimento dessa pesquisa, tive curiosidade de saber se a maneira como as pessoas representam o meio ambiente havia mudado ao longo desses anos, em especial com a popularização da educação ambiental no Brasil.

Assim, propus-me a repetir tal pesquisa com outros públicos e estudar as representações de meio ambiente obtidas a partir dessas entrevistas, mais especificamente, os sentidos contidos nessas representações.

3.2 COLETA DOS DADOS

A metodologia e os recursos utilizados para a coleta de dados foi, totalmente, baseada no trabalho de Moraes *et al.* (2000). Foram realizadas quatrocentas entrevistas em quatro diferentes situações:

- a) Com participantes do X Congresso de Ecologia do Brasil e I Simpósio de Sustentabilidade.
- b) Com participantes do V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia e IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do International Council of Associations for Science Education (ICASE).

c) Cem participantes da Cúpula dos Povos, na Rio +20 por justiça social e ambiental.

d) Cem pessoas escolhidas, aleatoriamente, em um Shopping Center e nas ruas do centro de Florianópolis, SC.

Os dois primeiros eventos foram escolhidos para a realização da pesquisa por terem como público, basicamente, estudantes e profissionais da área de Ciências Biológicas (ou Ciências da Vida). Esse foi um dos públicos estudados por Moraes *et al.* (2000) e fazer uma comparação entre as respostas obtidas nas duas pesquisas era um dos objetivos do trabalho.

A Cúpula dos Povos foi outro local escolhido para as entrevistas devido à minha curiosidade em entender quais as percepções sobre o meio ambiente entre os participantes de um evento cuja temática principal é o próprio meio ambiente. A grandiosidade e diversidade de participantes do evento aumentavam minha expectativa por diferentes e interessantes respostas.

As entrevistas colhidas em um Shopping Center e nas ruas do centro de Florianópolis, SC, tiveram como objetivo constituir uma amostra controle, pois se tratava de um público bem mais amplo, com diversas formações e faixas etárias.

Para as entrevistas foram utilizados dois recursos: (i) reprodução do cartaz publicitário da III Reunião Especial da SBPC (ANEXO 1) e (ii) questionário com uma questão fechada e outra aberta (ANEXO 2).

O cartaz da III Reunião Especial da SBPC continha, basicamente: nuvens alaranjadas, fazendo uma alusão ao céu; um bando de aves, que lembravam codornas; uma pintura azul com um mamífero aquático, remetendo ao mar; e uma vegetação.

O cartaz era apresentado aos entrevistados junto a seguinte questão fechada:

De que modo a sua concepção de meio ambiente está representada nesta figura?

- a) Totalmente
- b) Parcialmente
- c) De nenhum modo

Se o entrevistado respondesse (a), encerrava a entrevista. Se a resposta fosse (b) ou (c), aplicava-se a seguinte questão aberta: O que você acrescentaria à figura para que sua concepção de meio ambiente estivesse melhor representada?

O entrevistador preenchia um formulário (ANEXO 3) que continha as respostas e dados de identificação do entrevistado: sexo, idade, formação e atividade profissional.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

É importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Claro está que o pesquisador, como membro de um determinado tempo e de uma específica sociedade, irá refletir em seu trabalho os valores e princípios considerados importantes naquela sociedade, naquela época (Lüdke; André, 1986, p. 03).

A citação de Lüdke e André (1986) ressalta a influência da visão de mundo do pesquisador sobre os resultados da pesquisa. Certamente, os pressupostos, crenças e ideologias do pesquisador farão com que ele interprete de determinada maneira seus dados e ressalte alguns pontos em detrimento de outros. Isso ocorre, principalmente, em pesquisas, majoritariamente, qualitativas, como esta. É claro que a formação discursiva, que já foi abordada, também influencia nesse processo.

A respeito de abordagens qualitativas, Lüdke e André (1986) apresentam algumas características básicas dessas pesquisas. Sobre o foco das pesquisas, elas falam:

O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que são focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível a um observador externo (Bodgan e Biklen *apud* Lüdke; André, 1986, p. 12).

Acho importante destacar duas questões mencionadas nas citações acima, que são: (1) há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes” e (2) o pesquisador possui valores, princípios e interesses. Coloco essas duas questões para discutir a impossibilidade de neutralidade nas análises. Não se trata de os interesses do pesquisador sobrepor as perspectivas dos participantes (o que seria, no mínimo, anti-ético), mas essas perspectivas serão expostas e discutidas de acordo com os interesses, motivações e possibilidades de análise do pesquisador.

Sena (2013), referindo-se à análise de discurso, diz que “para compreender seu objeto de estudo, o analista se dedica a um trabalho no entremeio da descrição com a interpretação”. A interpretação é algo bastante subjetivo, que depende das visões de mundo de quem interpreta.

Contudo, quero dizer que, durante uma pesquisa, fazemos escolhas. Escolhemos o que discutir e o que não mencionar. Muitas vezes, essas escolhas são inconscientes ou motivadas pela falta de leitura ou argumentação do pesquisador sobre alguns assuntos. Certamente, há muitas possibilidades de analisar as quatrocentas entrevistas realizadas neste trabalho, mas os caminhos (ou descaminhos) da pesquisa me levaram a escolher algumas e não outras.

Outro ponto importante levantado por Lüdke e André (1986, p.33) é “o caráter de interação que permeia a entrevista”. Segundo as autoras, há uma influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Essa influência é uma questão importante dentro da análise de discurso, mais especificamente, dentro das condições de produção dos discursos. Como citado anteriormente, o mecanismo de antecipação, em que o entrevistado tenta prever o que o entrevistador espera ouvir, e a relação de forças, posição que ocupa cada um dos interlocutores (Orlandi, 2000), compõem essa interação que permeia a entrevista e que precisa ser levada em consideração nas análises.

O instrumento utilizado para a coleta de dados neste trabalho se aproximou mais de um questionário do que de uma entrevista, no entanto é importante considerar a interação entre quem pergunta e quem responde, como coloca Lüdke e André (1986), uma vez que os questionários se deram de modo presencial. Ao abordar os entrevistados, eu me apresentava como “estudante de Biologia da Universidade Federal de Santa Catarina”. Essa simples frase, em

especial, a palavra “Biologia” pode (ou não) ter influenciado nas respostas.

Todas essas considerações irão permear a análise das respostas, que têm por objetivo a busca pelos sentidos contidos nas representações de meio ambiente dos entrevistados. Para identificar os sentidos, levarei em consideração os sujeitos (identidade, formação) e o contexto, imediato (como o local da entrevista) e mais amplo (histórico-cultural), da produção desses discursos.

As noções teóricas apresentadas sobre análise de discurso (interdiscurso, formação discursiva, condições de produção) e sobre visões de mundo permitirão tecer reflexões ao longo deste trabalho.

Além dessa análise de cunho qualitativo, também serão realizadas análises quantitativas, no sentido de comparar resultados, ou seja, porcentagens de respostas obtidas nesse trabalho e no de Moraes *et al.* (2000).

3.4 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE MEIO AMBIENTE

3.4.1 EREBio – Encontro Regional de Ensino de Biologia – 2011

O V Encontro Regional de Ensino de Biologia (EREBIO Sul), promovido pela Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia – Regional Sul (SbenBio), ocorreu junto ao IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências, promovido pelo International Council of Associations for Science Education (ICASE).

O evento reuniu profissionais da educação em ciências e estudantes do Brasil e de outros países ibero-americanos e caribenhos, no período de 18 a 21 de setembro de 2011, na cidade de Londrina/PR, e teve como tema central: “Os Desafios da Ciência Entremeando Culturas” (*website* do V EREBio Sul, 2011).

O encontro teve como sede a Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR) e foi este o local das entrevistas, que ocorreram nos intervalos da programação oficial do evento. Com base nessa programação (conferências, palestras, mesas redondas, minicursos e trabalhos) e em minha experiência durante o evento, destaco alguns

temas que estavam muito em voga no EREBio, como por exemplo: diversidade cultural; cultura; fragmentação vs. integração do conhecimento.

3.4.2 CEB – Congresso de Ecologia do Brasil – 2011

O X Congresso de Ecologia do Brasil (CEB), promovido pela Sociedade de Ecologia do Brasil (SEB) e pelo Instituto de Biociências da USP (IB/USP), ocorreu junto ao I Simpósio de Sustentabilidade: “Homem – Ambiente – Sustentabilidade”.

O evento reuniu profissionais das ciências, ecologia e educação e estudantes do Brasil e de outros países, no período de 18 a 22 de setembro de 2011, em São Lourenço/MG, e teve como tema central: “Ecologia e Gestão Ambiental” (*website* do X CEB, 2011).

As entrevistas também foram feitas nos intervalos da programação oficial do evento (conferências, palestras, mesas redondas, minicursos e trabalhos). Com base nessa programação, é possível destacar alguns temas bastante discutidos no evento, como por exemplo: energia–ambiente–sociedade; invasões biológicas; mudanças climáticas; restauração ambiental; biodiversidade; preservação e sustentabilidade.

Segundo informações contidas no endereço eletrônico do X CEB, a organização do congresso preocupou-se bastante com a “sustentabilidade” e buscou realizar um evento “ecologicamente correto”, promovendo a substituição de produtos descartáveis por duráveis, o uso de materiais reciclados, o estímulo à carona solidária, o uso de energias e tecnologias limpas e de “química verde” (desinfetantes e sabonetes naturais). Além disso, a organização estimou a emissão de carbono gerada no evento e promoveu o plantio da quantidade de árvores necessárias para sua “neutralização”.

3.1.3 Cúpula – Cúpula dos Povos na Rio +20 – 2012

A Cúpula dos Povos na Rio+20 foi um grande evento, organizado pela sociedade civil, que ocorreu paralelamente à Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20). A Cúpula reuniu diversos públicos, no período de 15 a 23 de junho de 2012, no

Rio de Janeiro/RJ, e teve como tema central: “Justiça Social e Ambiental”.

Em 2012, a Cúpula dos Povos foi marcada pela forte oposição ao discurso da conferência oficial, a Rio+20, que pregava a “economia verde” para lidar com a “crise planetária”. No endereço eletrônico da Cúpula dos Povos, foi possível encontrar a seguinte declaração:

“Queremos, assim, transformar o momento da Rio+20 numa oportunidade para tratar dos graves problemas enfrentados pela humanidade e demonstrar a força política dos povos organizados. ‘Venha reinventar o mundo’ é o nosso chamado e o nosso convite à participação para as organizações e movimentos sociais do Brasil e do mundo” (*website* da Cúpula dos Povos, 2012).

De acordo com o *website* da Cúpula dos Povos, os três eixos principais do evento foram: denúncia das causas estruturais das crises, das falsas soluções e das novas formas de reprodução do capital; soluções e novos paradigmas dos povos; estímulo a organizações e movimentos sociais a articular processos de luta anticapitalista pós-Rio+20.

A Cúpula foi um evento grandioso que aconteceu em diversos espaços da cidade do Rio de Janeiro, no entanto, as entrevistas para este trabalho ocorreram apenas no Aterro do Flamengo, local de maior concentração de atividades e pessoas. Como se tratava de um grande evento em um espaço aberto, havia, é claro, uma enorme diversidade de sujeitos e eu tentei contemplar parte dessa diversidade nas entrevistas. Assim, conversei com índios; representantes de ONGs e movimentos sociais (Via Campesina, principalmente); profissionais de diversas áreas e estudantes; brasileiros e estrangeiros.

Com base em minha vivência durante a Cúpula, pude perceber que um assunto bastante abordado foi a tríade energia–ambiente–sociedade, com foco especial na construção de barragens em grandes rios e na energia nuclear. Certamente isso se deve ao contexto social e econômico. A Cúpula ocorreu num momento em que, no Brasil, discutia-se muito o impacto das grandes usinas hidrelétricas, cujas construções estavam em andamento (U.H. de Belo Monte, por exemplo). No restante do mundo, em especial no Japão, o tema em

destaque era a energia nuclear, uma vez que, em 2011, ocorrera um grande acidente nuclear na usina japonesa de Fukushima I.

É muito difícil identificar os discursos mais frequentes em eventos com a dimensão e complexidade da Cúpula dos Povos. Porém, eu destaco a questão energética, relacionada ao impacto ambiental e ao desrespeito aos povos tradicionais, e o discurso contrário à “economia-verde” como protagonistas nesse evento.

3.4.4 População em Geral – Centro e Shopping Center – 2011

As entrevistas com a População em Geral aconteceram, em setembro de 2011, em dois espaços. O primeiro deles é o Mercado Público de Florianópolis e arredores, no centro da cidade. Esse é um local de intensa circulação de pessoas, pois fica próximo ao Terminal de Ônibus Urbanos e possui intenso comércio e serviços. As pessoas entrevistadas nesse local eram transeuntes, que estavam, em sua maioria, com bastante pressa e pouco interesse em participar da pesquisa. Esse é um fator importante a ser considerado, pois pode interferir nos resultados do estudo.

O outro espaço escolhido foi um Shopping Center bastante conhecido e frequentado na cidade. Nesse local, as pessoas foram um pouco mais receptivas a responder o questionário, pois, em geral, estavam passeando pelo shopping e numa situação mais tranquila que no primeiro local.

Tanto no shopping como no centro da cidade, o público foi muito variado em relação à idade e à formação profissional. Foram entrevistados comerciantes, donas de casa, aposentados, professores, estudantes, policial, faxineiro, enfermeiro, farmacêutico, advogado, administrador, empresário, músico, artesão, entre outras tantas profissões.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 DIFERENTES SENTIDOS EM REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE

Como dito anteriormente, foram realizadas quatrocentas entrevistas, das quais cem aconteceram no Encontro Regional de Ensino de Biologia (EREBio), cem no Congresso de Ecologia do Brasil (CEB), cem na Cúpula dos Povos na Rio+20 (Cúpula) e outras cem nas ruas e em um Shopping Center de Florianópolis (População em Geral). A fim de comparar os resultados, as respostas obtidas neste trabalho foram reunidas nos mesmos grupos propostos por Moraes *et al.* (2000):

1. Totalmente representada: a concepção de meio ambiente está totalmente representada pelo cartaz, que contém somente elementos naturais.

2. Integração: a concepção de meio ambiente ficaria melhor representada com a inclusão da ideia de integração, **exclusivamente**. Exemplos de respostas: “interações”, “integração entre tudo”, “está muito fragmentado, podia estar mais conectado”, “uniria os ambientes”, “interrelação entre os ecossistemas” “conexão, está muito separado”, “interação, cadeias alimentares”, “falta complexidade, conexão”.

3. Elementos naturais: a concepção de meio ambiente ficaria melhor representada com a inclusão de mais elementos naturais, **exclusivamente ou incluindo a ideia de integração**. Exemplos de respostas: “mais diversidade animal e vegetal”, “lago, cachoeira, montanha”, “mamíferos, algas, fungos, bactérias”, “sol, animais, flores, conexão”, “ambiente mais limpo e natural”, “solo, rocha, céu azul, sol”, “geleiras”, “mais ecossistemas”, “mais verde”, “mangue”, “praias”, “desertos”, “vida selvagem”.

4. Atividades humanas: a concepção de meio ambiente ficaria melhor representada com a inclusão de atividades e/ou construções humanas, **exclusivamente ou incluindo elementos naturais e/ou a ideia de integração**. Exemplos de respostas: “casas, jardim, ruas, saneamento básico”, “prédios”, “cidades, urbanização”, “ambiente urbano”, “fábricas, construções”, “ruas e praças limpas”, “carros, babilônia”, “sol, mais animais, urbano, construções humanas”, “poluição, lixo”, “agricultura, pecuária”.

5. Figura humana: a concepção de meio ambiente ficaria melhor representada com a inclusão da figura humana, **exclusivamente ou não**. Exemplos de respostas: “ser humano”, “cidade, pessoas”, “ser humano, mais diversidade”, “homem, os povos”, “pessoas, contexto econômico e político, sociedade”, “homem, destruição”, “integração com o ser humano”, “assentamentos humanos”, “pessoas, tudo está relacionado”.

6. Sem especificação: respostas não muito específicas ou que não se enquadram nos itens anteriores. Exemplos de respostas: “falta muita coisa”, “falta preservação”, “não gosto dos pássaros”, “parece granja”, “teria que mostrar a realidade”, “para cada indivíduo há um ambiente diferente”, “não é possível representar tudo nesse folder”.

7. Não está representada: a concepção de meio ambiente não está representada pelo cartaz. Exemplos de respostas: “só o verde já representa”, “não gosto das imagens, o céu está ruim, a mata precisa ser mais definida, com cachoeira, integrar mais”, “parece esotérico, o céu deveria ser azul, está mal representado, falta urbano, cidades, lixo, planeta Terra”, “visão mais ampla, imagem completa que englobe tudo, por exemplo, o Atol das Rocas”.

As respostas que foram reunidas no item 1 são as que o entrevistado respondeu (a) para a primeira pergunta do questionário, ou seja, para essas pessoas o cartaz (ANEXO 1) representa totalmente sua concepção de meio ambiente, o que encerrava a entrevista. Foram reunidas nos itens 2, 3, 4, 5 ou 6, as respostas (b), nas quais o entrevistado afirmava que sua concepção de meio ambiente estava parcialmente representada pelo cartaz e incluía mais elementos a ele, para que essa representação estivesse completa ou mais adequada. Por fim, no item 7 foram reunidas as respostas (c), nas quais o entrevistado não concordava com a representação de meio ambiente retratada no cartaz e propunha uma outra forma de representar o meio ambiente.

A distribuição percentual das respostas, que foram obtidas nas quatrocentas entrevistas realizadas, é mostrada na Tabela 1. Essas respostas foram reunidas nos grupos descritos anteriormente e estão separadas por local de estudo.

PORCENTAGENS DE RESPOSTAS SOBRE REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE								
	Totalmente Representada	Elementos Naturais	Atividades Humanas	Figura Humana	Integração	Sem Especificação	Não está Representada	Total
EREBio	9	32	12	36	9	2	0	100%
CEB	14	29	6	33	9	8	1	100%
Cúpula	18	22	6	35	0	18	1	100%
População em Geral	42	33	5	11	0	5	4	100%

TABELA 1: Porcentagens de respostas separadas por grupo e local de estudo.

4.1.1 Representações que incluem “Somente Elementos Naturais”

Para possibilitar um melhor entendimento do que será exposto a seguir, é necessário esclarecer o que, neste trabalho, são considerados “elementos naturais”. Reconheço a existência de diversos conceitos de “natureza” ou “natural”. Considero importante um aprofundamento sobre esses conceitos e o que incluem ou excluem cada um deles, mas não pretendo atingir isso com este trabalho. No entanto, pelas respostas obtidas nas entrevistas, por experiências pessoais e leituras, percebo que há uma forte dicotomia entre “artificial ou cultural”, sendo este tudo aquilo construído pelo ser humano; e “natural”, tudo aquilo que não possui interferência ou alteração humana e que, também, não inclui o próprio ser humano.

Entendo que os conceitos e representações de natureza são construções humanas e sociais. E esta oposição entre cultura e natureza faz parte de uma visão de mundo fragmentada, que enxerga as partes sem conceber o todo. Ainda assim, considero este sentido atribuído à “natural” (que não possui interferência humana) predominante em nossa sociedade, e por isso irei utilizá-lo neste trabalho, uma vez que pretendo aqui capturar algumas percepções e sentidos produzidos pelos entrevistados.

Tendo como base o conceito de “natural” apresentado, passo para a análise da Tabela 1. É possível perceber que grande parte das respostas se concentrou nos dois primeiros grupos (ou colunas) da tabela. Essas respostas incluem somente elementos naturais em sua representação de meio ambiente e estão reunidas nos grupos: “Totalmente Representada” e “Elementos Naturais”. As pessoas cujas respostas se enquadraram no primeiro grupo disseram-se satisfeitas com a representação do cartaz (ANEXO 1), que inclui apenas elementos naturais. Já as pessoas cujas respostas se enquadraram no segundo grupo, não contentes com a representação proposta pelo cartaz, incluíram mais elementos naturais, exclusivamente, à sua concepção de meio ambiente.

Se considerarmos que a concepção de meio ambiente desses dois primeiros grupos (Totalmente Representada e Elementos Naturais) é a mesma, podemos juntá-los formando um único grupo, que inclui “Somente Elementos Naturais”. Somando, então, as porcentagens desses dois grupos em cada local estudado, temos que: 41% dos entrevistados do EREBio incluem “Somente Elementos Naturais” em sua concepção

de meio ambiente; contra 43% dos entrevistados do CEB; 40% da Cúpula; e 75% da População em Geral (Tabela 2).

No trabalho de Moraes *et al.* (2000), as respostas incluídas em “Atividades Humanas” também foram consideradas Naturalistas, ou seja, que incluem “Somente Elementos Naturais”. Isso se deu pelo fato de nelas estarem incluídas apenas atividades relacionadas à agressão à natureza. Isso não foi observado nesse trabalho e será melhor discutido adiante. De qualquer forma, com a inclusão das respostas reunidas em “Atividades Humanas” às representações Naturalistas, Moraes *et al.* (2000) observou que 73% das respostas obtidas entre a População em Geral eram Naturalistas.

Comparando os resultados apresentados para as duas pesquisas, observa-se que o percentual da População em Geral que expressa uma representação Naturalista de meio ambiente se manteve constante nos últimos quinze anos, não apresentando diferenças significativas. Em 1996, 73% da População em Geral expressava uma representação Naturalista de meio ambiente, contra 75%, em 2011.

Assim, de acordo com os estudos realizados por Moraes *et al.* (2000) e reafirmados por esta pesquisa, a representação Naturalista de meio ambiente é predominante em nossa sociedade ou, no mínimo, na cidade de Florianópolis, SC, onde foram realizadas as entrevistas com a População em Geral.

Diversos trabalhos buscaram identificar as representações de meio ambiente em diferentes grupos sociais, tendo como base a classificação proposta por Reigota (1995) e constataram que a representação Naturalista é a mais frequente (Campos, 1997; Cunha; Zeni, 2007; Schülze, 2000). Ainda que a Política Nacional de Educação Ambiental (Brasil, 1999) e outros documentos e tratados nacionais e internacionais coloquem a importância de um olhar holístico sobre o meio ambiente, que englobe questões sócio-econômicas e culturais, na prática, o que se observa é que a concepção de meio ambiente como sinônimo de natureza vem se perpetuando entre a população.

Mas será que esse primeiro padrão de respostas identificado, que inclui “Somente Elementos Naturais” em sua representação de meio ambiente, e que é maioria entre a População em Geral, é homogêneo? Ou teriam diferentes sentidos construídos acerca do termo “meio ambiente” dentro de uma representação Naturalista?

4.1.1.1 Diferentes sentidos sobre meio ambiente em representações Naturalistas

Tentarei agora, a partir da exploração de algumas respostas obtidas nas entrevistas, mostrar sutis diferenças entre as representações Naturalistas de meio ambiente. Primeiro apresento algumas respostas que fazem uma relação direta entre meio ambiente e natureza:

“Natureza é meio ambiente” (desenhista, Cúpula)

“O meio ambiente está bem representado, é a Natureza” (comerciante, Cúpula)

“Céu azul, bichos na natureza” (empresária, População em Geral)

Lucie Sauvé (1996) identificou que o “meio ambiente como natureza”, é visto, por grande parte da sociedade, como algo a ser apreciado, respeitado e preservado. Diversas respostas obtidas neste trabalho, e classificadas como Naturalistas, evidenciam essa visão preservacionista e conservacionista de meio ambiente. Alguns exemplos são:

“Ambiente mais limpo e natural” (dona de casa, População em Geral)

“Colocaria o céu azul, assim parece poluição” (professora, EREBio)

“Água mais clara, cores mais reais, céu azul” (dona de casa, População em Geral)

“A mata tem que ser preservada e o rio limpo” (agente sanitário e índio, Cúpula)

“Falta preservação” (agricultor, Cúpula)

Essa visão preservacionista de natureza e, consequentemente, de meio ambiente é bastante frequente e está disseminada em diversos setores da sociedade. Pelas respostas citadas, percebe-se que ela apareceu em todos os locais de estudo.

Uma das possíveis explicações para essa visão é o discurso preservacionista que tem predominado em práticas que se convencionou chamar de educação ambiental no Brasil. Pereira (2008) apresenta uma reflexão que resume bem isso:

Parece claro, na maioria das práticas, que a educação ambiental vem para suprir uma lacuna, como uma maneira “nova” de educação, responsável pela conservação e preservação da natureza essencialmente, bem como pelo uso racional e pela manutenção de um nível de produtividade dos recursos naturais, principalmente os gerenciados pelos seres humanos. Este tipo de abordagem muitas vezes não dá a devida importância ao aspecto social que está fortemente envolvido na temática e no discurso ambiental (Pereira, 2008, p. 03).

O discurso preservacionista é comum nas práticas em educação ambiental e também nos meios de comunicação, de forma que ele já está bastante fundamentado na memória das pessoas e é facilmente reproduzido, isso caracteriza o que, na análise de discurso, denomina-se de interdiscurso (ou memória discursiva) (Orlandi, 2000).

Nessa visão de natureza (ou meio ambiente) a ser preservada, geralmente o ser humano é visto como o agente causador da destruição, e também, em contrapartida, como aquele que pode mudar o rumo e “salvar o planeta da crise”. Nesse sentido, Orlandi (1996 *apud* Pereira, 2008, p. 91), caracteriza esses dois discursos da seguinte maneira:

1) o da catástrofe, que produz argumentos de perdição (o sistema é um monstro) ou de salvação (através da mobilização de preconceitos) e 2) o do imediatismo, que desloca para o comportamento humano, o que é “fato de um processo”, através de um discurso religioso e catequético.

Os discursos catastróficos tendem a ser pessimistas e provocar um medo que pode paralisar qualquer ação, pela simples crença de que há um problema (causado pelo ser humano) e de que este problema é tão complexo e de difícil solução que nada pode ser feito para reverter-lo. Já os discursos de salvação, muitas vezes, tendem a personalizar os problemas ambientais, de forma que impedem uma visualização mais holística das questões. Estou me referindo a discursos do tipo “não jogar lixo nas ruas; economizar água”, que, apesar de terem sua importância, podem restringir as questões a esferas muito menores do que de fato elas pertencem.

Uma resposta que acredito representar bem os discursos preservacionistas e catastróficos, sendo notadamente Naturalista é a seguinte:

Eu moro na natureza. Meio ambiente é onde não tem queima. O Rio de Janeiro não tem meio ambiente, o que tem está sendo destruído
(agricultor, Cúpula dos Povos)

Para analisar essa resposta, é importante perceber o sujeito. Trata-se de um agricultor, que, provavelmente, mora em um ambiente rural, no qual predomina a “natureza” (mata, animais, etc.), de modo que, dentro de sua visão de mundo, a natureza é seu meio ambiente. Como no Rio de Janeiro, o que predomina são os elementos antrópicos, para esse agricultor, “no Rio de Janeiro não tem meio ambiente” e o que tem (a natureza) está sendo destruído (muito provavelmente pelo ser humano).

Além de considerar a identidade do sujeito e de suas possíveis visões de mundo, é importante avaliar as condições de produção desse discurso (o contexto imediato), em especial a frase “Meio ambiente é onde não tem queima”. Na Cúpula dos Povos, uma das questões mais debatidas era a “preservação e sustentabilidade das florestas” e, na opinião da maioria das pessoas, a queima contribui para a destruição e é uma prática insustentável. Acredito, então, que o contexto da Cúpula, incluindo os discursos que ali predominavam, pode ter influenciado na representação de meio ambiente desse agricultor, tanto quanto suas crenças, valores e ideologia (visões de mundo).

Dentro das representações Naturalistas, um grupo de respostas chamou minha atenção não pelo discurso preservacionista, como o anterior, mas por uma ideia de “natureza” que exclui não apenas o ser humano, mas outros animais também. A seguinte frase representa bem essa situação:

“Mais verde, tiraria as codornas e colocava pássaros raros” (vendedor,
População em Geral)

Nessa resposta fica subentendida a ideia de que as codornas não são bons representantes da natureza ou dessa representação Naturalista de meio ambiente. Quando o entrevistado troca as codornas por pássaros raros (entenda-se silvestres) ele está fazendo uma opção pelo

que é considerado mais “natural”, sem a interferência do ser humano. Esse é um discurso presente em diversas respostas:

“Mais animais, vida selvagem” (vendedor, População em Geral)

“Não gosto dos pássaros” (estudante, Cúpula)

“Parece granja” (estudante, Cúpula)

“Os pássaros não representam, isso é produção em larga escala”
(estudante, Cúpula)

É interessante observar como as pessoas atribuem diferentes valores aos animais. Para alguns entrevistados, animais raros ou selvagens representam melhor o meio ambiente que animais domesticados ou os produzidos para alimentação humana (granja ou produção). Uma possível interpretação para isso é inferir que algumas pessoas têm uma concepção de natureza que não inclui animais domesticados ou que servem de alimento. Assim, para tais pessoas, esses animais talvez não sejam considerados “naturais” ou, no mínimo, são menos naturais que os selvagens, provavelmente pela proximidade e ligação ao ser humano. Essa noção remete ao discurso de “natureza intocada” ou “natureza selvagem”.

Outra maneira de interpretar essas respostas é considerar que a ideia de “granja” ou “produção de animais em larga escala” pode ter entrado em conflito com as visões de mundo dessas pessoas, por questões ideológicas. Por exemplo, o entrevistado que respondeu “Os pássaros não representam, isso é produção em larga escala” pode querer demonstrar que não concorda com esse tipo de produção e que isso não deveria fazer parte do meio ambiente.

Em contrapartida a essas representações que excluíam alguns animais da categoria de “naturais”, tiveram respostas que “naturalizaram” um personagem bastante interessante: o índio. Exemplos dessas respostas são:

“Mais plantas, índios, fogueira” (vendedora de rua, População em Geral)

“Água doce, cachoeira ou rio, mais fauna, índio, interação” (músico,
População em Geral)

Coloco essas respostas dentro das representações Naturalistas por acreditar que esses entrevistados, ao incluírem o índio em sua concepção de meio ambiente, não o fizeram pensando que este índio é um ser

humano e representaria, assim, a todos os seres humanos (o que colocaria tais respostas no segundo padrão de respostas, que falarei adiante). Entendo que, para esses entrevistados, o índio está muito mais próximo da natureza do que da sociedade humana, que normalmente é representada como algo externo à natureza. Nesse sentido, considero tais respostas Naturalistas.

A inclusão de índios nessa representação Naturalista pode estar associada ao fato de eles serem considerados, por muitos, selvagens ou “guardiões da natureza”. Com frequência, a forma de viver dos índios é considerada exemplo de harmonia e integração com a natureza. E acredito que esse pode ter sido o sentido atribuído ao índio nas respostas.

Por fim, alguns entrevistados apresentaram representações Naturalistas ainda mais limitadas e restritas que as anteriormente apresentadas. Essas respostas se constituíram, basicamente, por um espaço físico e elementos vegetais, exclusivamente, não incluindo animais ou outros elementos. Alguns exemplos são:

“Não colocaria as aves, colocaria ambiente rochoso, sem animais”
(estudante, EREBio)

“O bosque representa” (índia boliviana, Cúpula)

“O meio ambiente é o verde, as florestas” (agricultor e índio, Cúpula)

“Florestas representam o meio ambiente” (gari, Cúpula)

Como visto anteriormente, Lucie Sauvé (1996) atribuiu a categoria “meio ambiente como natureza” para as representações de meio ambiente que incluíam somente elementos naturais. Se fossemos atribuir uma categoria a esse último grupo de respostas citado, poderia ser algo como “ambiente como floresta”, pois para esses entrevistados, o meio ambiente é sinônimo de florestas, mata ou verde. Ressalto o recorte e a limitação dessa representação.

Todas as respostas até então apresentadas têm em comum a inclusão de “Somente Elementos Naturais”, sendo, por isso, classificadas como Naturalistas (Reigota, 1995). No entanto, é possível notar que essa representação Naturalista não possui um discurso homogêneo, ao contrário, ela abarca diversos discursos e sentidos.

4.1.2 Representações que incluem “Elementos Naturais e Humanos”

Um segundo padrão observado nas respostas (Tabela 1) inclui elementos naturais + elementos antropizados, ou o próprio ser humano. As respostas que correspondem a esse padrão foram reunidas, inicialmente, em “Atividades Humanas” e “Figura Humana”. Esses entrevistados consideraram os elementos naturais contidos no cartaz (ANEXO 1) parte do meio ambiente, mas a eles incluíram elementos ou atividades produzidas pelo ser humano e/ou o próprio ser humano.

Dentro desse segundo padrão de respostas está incluído o que Marcos Reigota (1995) classificou como representação Globalizante de meio ambiente, caracterizada pelas relações entre a natureza e a sociedade, englobando aspectos naturais, políticos, sociais, econômicos, filosóficos e culturais e incluindo o ser humano.

Como a representação Globalizante proposta por Reigota (1995) inclui, necessariamente, o ser humano, apenas as respostas reunidas no grupo “Figura Humana” podem ser consideradas Globalizantes. Diante disso, temos que 36% dos entrevistados no EREBio possuem uma representação Globalizante de meio ambiente; contra 33% do CEB; 35% da Cúpula; e apenas 11% da População em Geral (Tabela 1).

É interessante perceber como as representações dos três primeiros locais de estudos assemelham-se e, ao mesmo tempo, divergem muito das representações da População em Geral. Isso será melhor discutido adiante, mas já chamo atenção para essa constatação.

Retomando a comparação com o trabalho de Moraes *et al.* (2000) percebe-se que o percentual de entrevistados da População em Geral que incluiu a “Figura Humana” em sua representação de meio ambiente foi 12,7%, em 1996, contra 11%, em 2011, ou seja, novamente temos que, decorridos quinze anos, não houve mudança significativa na concepção de meio ambiente dessa população.

Porém, fazendo uma média entre os percentuais obtidos entre os entrevistados do EREBio e do CEB, percebe-se que 34,5% incluiu a “Figura Humana” em sua representação de meio ambiente. O público desses dois locais de estudo é constituído, majoritariamente, por estudantes e/ou profissionais da área de Ciências Biológicas. No trabalho de Moraes *et al.* (2000), o público que mais se assemelha a este é o que foi denominado de “estudantes e profissionais da área de Ciências da Vida”. Comparando as respostas desses dois grupos, cujas

formações são parecidas, observa-se que, enquanto 34,5% dos entrevistados do presente trabalho incluem a “Figura Humana” em suas respostas, apenas 26,9% o fizeram no trabalho de Moraes *et al.* (2000). Nesse grupo, especificamente, é possível afirmar que houve um aumento da representação Globalizante de meio ambiente, nos quinze anos que separam as duas pesquisas.

Uma diferença significativa que pode ser apontada entre os dois trabalhos é que, no de Moraes *et al.* (2000), no grupo de respostas “Atividades Humanas” apareceram apenas atividades relacionadas à degradação do ambiente natural pelo ser humano, como por exemplo: “poluição”, “agressão à natureza, destruição do meio ambiente”, “sujeira, lixo, desmatamento”. Essa visão reforça a ideia de que o meio ambiente é a natureza e o ser humano está exercendo uma interferência negativa nesse meio. Devido a essa visão, no primeiro estudo, as “Atividades Humanas” foram reunidas na representação Naturalista.

Essa mesma visão não se aplica ao presente trabalho, no qual em “Atividades Humanas” foram reunidas respostas que incluíam, muitas vezes, elementos como “lixo”, “desmatamento”, “poluição”, mas a isso eram somados elementos como: “cidades”, “praças”, “carros”, “meio urbano”, “agricultura”, “indústrias”. É possível que muitas dessas atividades, ao serem mencionadas, traziam embutidos sentidos de agressão à natureza, mas não há uma evidência tão forte de uma visão Naturalista, como no trabalho de Moraes *et al.* (2000).

Assim, as respostas reunidas em “Atividades Humanas” e as reunidas em “Figura Humana” foram agrupadas em uma única categoria denominada de “Elementos Naturais e Humanos” (Tabela 2). Como dito anteriormente, essas respostas têm, em comum, a característica de incluir elementos naturais + elementos antropizados, ou o próprio ser humano.

Da mesma forma como questionado em relação às respostas que incluíam “Somente Elementos Naturais”, questiono agora se as representações que incluem “Elementos Naturais e Humanos” seriam homogêneas. Ou teriam diferentes discursos sobre meio ambiente dentro dessa representação?

4.1.2.1 Diferentes sentidos sobre meio ambiente em representações que incluem “Elementos Naturais e Humanos”

A relação entre ser humano e o ambiente vem sofrendo modificações ao longo da história. De acordo com Carvalho (1991 *apud* Ribeiro, 2003), houve um tempo em que homem e natureza eram tão integrados que sequer havia a percepção da existência do ambiente como algo além do humano. Somente existia a natureza e tudo era natural. Nesse momento, a natureza era antropomorfizada e as crenças e culturas variavam de acordo com o ambiente.

Num momento seguinte, o ser humano passou a se ver como algo à parte da natureza. A natureza passou a ser algo sagrado e desconhecido ao ser humano. Apenas alguns homens eram capazes de se comunicar com ela, como os sacerdotes, que ganharam o papel de intérpretes da natureza (Ribeiro, 2003).

Um pouco mais adiante, o ser humano passa a se ver não apenas como separado da natureza, mas como oposto a ela, daí vem a dicotomia sociedade-natureza, natural-artificial (Ribeiro, 2003). A partir desse momento, decorrem diversas interpretações de natureza: a divina, que é admirada e cuidada pelo ser humano; a fornecedora de matéria-prima, que deve ser estudada, controlada e explorada; e, mais recentemente, a ideia de um sistema complexo e independente (Ribeiro, 2003).

Todas essas maneiras de o ser humano se relacionar com o ambiente, colocadas aqui de modo bastante simplificado, resultam da cultura, do momento histórico e dos discursos predominantes em determinadas épocas e locais. É muito provável que todas essas interpretações da relação homem-natureza coexistam ainda hoje, mas algumas são predominantes. Nas respostas obtidas nesta pesquisa e reunidas no grande grupo “Elementos Naturais e Humanos”, uma notável diferença entre as respostas, que já foi mencionada, é que parte delas inclui o ser humano em sua concepção de meio ambiente, e outra parte não inclui.

Alguns exemplos de respostas que incluem o ser humano e, por isso, são denominadas Globalizantes (Reigota, 1995):

“Ser humano, avanço tecnológico, maior biodiversidade” (estudante, CEB)

“Ser humano e suas construções” (estudante, CEB)

“Pessoas, construção, agricultura” (estudante, EREBio)

“Pessoas, contexto econômico e político, sociedade, outros ecossistemas” (estudante, EREBio)

É possível perceber em todas as respostas, mas em especial na última, o que Reigota (1995) identificou como uma representação que engloba aspectos naturais, políticos, sociais, econômicos, filosóficos, culturais e o ser humano.

Ribeiro (2003) também observou que grande parte dos sujeitos que participaram de sua pesquisa incluem questões sociais e o ser humano em suas representações de meio ambiente. No entanto, quando questionou esses sujeitos sobre a diferença entre natureza e meio ambiente, a maior parte deles afirmou que natureza é menos, cabe dentro de meio ambiente – onde estariam incluídos também os seres humanos e suas relações.

É interessante observar que, com base na classificação de Reigota (1995), as representações de meio ambiente dos sujeitos entrevistados por Ribeiro (2003) seriam consideradas Globalizantes, uma vez que incluem o ser humano. Porém, a própria autora conclui que se trata de concepções fragmentadas, uma vez que separam homem-natureza ou cultura-natureza. Ribeiro (2003) diz que se abriu uma grande caixa (meio ambiente) onde foram colocadas as caixinhas menores (natureza e cultura), e acrescenta que “sob a superfície do discurso de integração e pertencimento sobrevive a ideia de separação. Provavelmente uma busca humana por sua própria identidade, através do esforço por distinguir-se dos demais seres” (Ribeiro, 2003, p. 103).

Destaco também que o discurso de aproximação entre questões sociais e meio ambiente está bastante difundido entre a população, principalmente após a realização, em 2002, da Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável (Rio+10), em Johannesburgo, África do Sul, onde temas como erradicação da pobreza, saúde e habitação foram bastante discutidos. Diante disso, é provável que tais questões façam parte da memória discursiva dos entrevistados, no entanto, pode se tratar de uma simples repetição de discursos correntes, sem que haja, de fato, uma reflexão sobre eles.

Dirijo, agora, o olhar para outra resposta, que considero bastante singular. Nela, é possível identificar elementos que remetem ao que Reigota (1995) denominou de representação Antropocêntrica de meio ambiente, que inclui recursos naturais que servem para usufruto do ser humano:

“Pessoas praticando esporte, céu azul, crianças plantando hortas, pessoas manipulando as plantas, plantando, pescando, água, fazendas de peixes, fabricar a água” (artista, Cúpula)

A representação Antropocêntrica tem como objeto representado a natureza, exclusivamente, mas com um enfoque utilitarista. Não se trata, portanto, do que foi apresentado na resposta, que inclui o ser humano, mas é possível notar que o entrevistado foi por um viés que privilegiou os “recursos naturais” de interesse humano.

Outros entrevistados, embora tenham inserido elementos antrópicos em suas definições de meio ambiente, não incluíram o ser humano. Analisando essas respostas percebe-se que há uma relação evidente entre espaço físico e meio ambiente, nessa perspectiva, o meio ambiente é o local onde o ser humano está inserido, mas que não o inclui. Lucie Sauvé (1996) chamou essa representação de “meio ambiente como lugar para se viver”, ou seja, o ambiente do cotidiano, na escola, nas casas, na vizinhança, no trabalho e no lazer. Alguns exemplos de respostas são:

“Casa, jardim, ruas, saneamento básico” (professora, População em Geral)

“Urbano, fábricas, construções” (professora, EREBio)

“Carros, babilônia, falta mais que a natureza” (estudante e músico, Cúpula)

“Água limpa, ruas e praças limpas, ar limpo” (bibliotecária, População em Geral)

Uma possibilidade de análise para essa representação, que inclui elementos antrópicos, mas não inclui o ser humano, é considerar que se trata de uma representação em fase de transição. Esses entrevistados não possuem uma representação Naturalista, pois já incluem elementos que, usualmente, não são considerados naturais, porém, também não se trata de uma representação Globalizante, que inclui mais possibilidades de interrelações, inclusive com ser humano. Portanto, tal representação

pode ser uma fase intermediária (entre Naturalista e Globalizante) e em transição. Talvez com um pouco mais de reflexão sobre o tema, tais entrevistados poderiam incluir o ser humano em sua concepção de meio ambiente, assim como incluem outros animais (representados no cartaz, por meio das aves).

Gostaria de destacar, também, outro tipo de resposta bastante frequente, que corresponde ao que Lucie Sauvé (1996), denominou de “meio ambiente como um problema”, que precisa ser resolvido. Essa visão inclui, principalmente, as degradações ambientais provocadas pelo ser humano, como desmatamentos e o acúmulo de lixo. Embora esse padrão de respostas tenha sido mais frequente no estudo de Moraes *et al.* (2000), ele também aparece neste trabalho. Essa associação entre atividades ou meios antropizados com degradação apareceu tanto em respostas que incluíram o ser humano, como naquelas que incluíram apenas o espaço físico. Alguns exemplos são:

“(...) o lixo faz parte do meio ambiente, mas não devia fazer” (instrutor de música, Cúpula)

“Ambiente urbano, pessoas, monocultura, campo, áreas degradadas” (estudante, EREBio)

“Coisas mais feias, como cidades” (biólogo, CEB)

“Ser humano, outros animais, denúncia do problema ambiental” (professor, EREBio)

Essas respostas aproximam-se do que foi identificado, dentro das representações Naturalistas, como um discurso preservacionista, que é bastante disseminado na mídia e nos aparatos educacionais.

4.2 GRANDES GRUPOS DE REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE

Os dois grandes grupos de respostas identificados, o que inclui “Somente Elementos Naturais” e o que inclui “Elementos Naturais e Humanos”, foram considerados as representações de meio ambiente predominantes nas quatrocentas entrevistas realizadas. Na Tabela 2, é possível visualizar as porcentagens de cada uma dessas representações, separadas por local de estudo.

REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE		
	Somente Elementos Naturais	Elementos Naturais e Humanos
EREBio	41	48
CEB	43	39
Cúpula	40	41
População em Geral	75	16

TABELA 2: Porcentagens das concepções de Meio Ambiente observadas nos locais estudados.

Analisando a Tabela 2, percebe-se que há uma similaridade no padrão das respostas dos entrevistados provenientes do EREBio e do CEB, não houve uma variação muito grande no percentual das respostas reunidas em cada concepção. Isso é coerente se considerarmos que a formação desses sujeitos é semelhante (maioria estudantes e/ou profissionais da área de Ciências Biológicas e/ou educação científica).

Como já foi discutido, dentro de representações sociais e visões de mundo, a cultura na qual o sujeito está inserido é um fator determinante para a constituição da sua visão de mundo e, conseqüentemente, para a construção de suas concepções e formas de representar sua realidade. Podemos considerar que a formação educacional e profissional dos sujeitos é parte integrante de sua cultura,

assim ela influencia na maneira como esses sujeitos interpretam e compreendem o mundo e, conseqüentemente, concebem o meio ambiente. Quero dizer, com isso, que essa “formação comum” entre os entrevistados no EREBio e no CEB, provavelmente, foi determinante para que ocorresse a semelhança no padrão de respostas desses públicos.

Na Cúpula, o público era bem mais heterogêneo que no EREBio ou CEB, no entanto há um fator que aproxima o público desses diferentes eventos, que é o envolvimento e/ou interesse com as “questões ambientais”. Considero que estudantes e/ou profissionais de Ciências Biológicas dedicam ou dedicaram bastante tempo de sua formação ao estudo do meio ambiente ou do que é considerado “questões ambientais”, de forma que esse tema é familiar a esse público. Da mesma forma, considero que a maioria das pessoas presentes na Cúpula se interessam pelas ditas “questões ambientais”. Assim, penso que as respostas oriundas do EREBio, CEB e Cúpula possuem uma característica bastante diferente do restante da sociedade, pois esses públicos, teoricamente, pensam, refletem e se relacionam com o conceito de meio ambiente com mais frequência.

Ao comparar as porcentagens das respostas da População em Geral com as dos demais locais de estudo, confirmamos a hipótese de que as concepções de meio ambiente dos entrevistados do EREBio, CEB e Cúpula destoam bastante do restante da população. De acordo com a Tabela 2, 75% dos entrevistados da População em Geral considera meio ambiente como sinônimo de natureza, enquanto nos demais locais estudados essa concepção estava presente em, no máximo, 43% dos entrevistados.

Essa percepção de meio ambiente como sinônimo de natureza, que se mostrou predominante na população em geral, é preocupante se considerarmos que por projetos de “caráter ambiental” ou de “educação ambiental” essa população entende apenas ações diretamente relacionadas à natureza (entendida como fauna, flora e fatores abióticos, basicamente). Para essa população, violência e desemprego, por exemplo, são questões que pertencem a uma esfera diferente das questões consideradas ambientais, como desmatamento ou poluição.

No entanto, todas essas questões podem estar intimamente relacionadas e a solução de umas pode depender das outras. Por exemplo, se não desenvolvermos soluções para o desemprego no norte do país, dificilmente haverá diminuição nos índices de desmatamento da Floresta Amazônica, pois vender a madeira das árvores derrubadas

acaba sendo uma alternativa para garantir a renda de muitas famílias dessa região. Ao mesmo tempo que em esse desmatamento pode gerar renda ele é ilegal e, por isso, é uma atividade perigosa, criminosa e violenta.

Esse exemplo é uma simplificação e resume muito uma situação que é bem mais complexa, no entanto, é uma maneira de mostrar como as chamadas “questões ambientais” estão, intimamente, relacionadas com as “questões sociais”, de forma que natureza e sociedade precisam ser pensadas de maneira global e não isoladamente.

De acordo com Moraes e Colombi (2004), é possível identificar alguns pressupostos que constituem as visões de mundo predominantes em nossa sociedade:

o individualismo, a dissociação, a redução, a causalidade mecanicista e determinista, o imediatismo temporal e espacial, a simplificação, o racionalismo, a satisfação pessoal e material, a competição e o antropocentrismo (Moraes; Colombi, 2004, p. 05).

Os autores colocam que todos esses pressupostos têm em comum a “fragmentação”, e esta característica é a base do modelo de organização humana adotado pelas sociedades (Moraes; Colombi, 2004). Esse modelo social promove a dissociação dos conhecimentos e a incompreensão da complexidade que envolve todas as questões contemporâneas. Por isso, nas palavras de Moraes (2004):

questões como o desmatamento, a poluição atmosférica, a poluição das águas, a biodiversidade e a camada de ozônio, normalmente tratadas como questões ambientais, são vistas como questões distintas de outras questões como a violência urbana, a estrutura agrária, a miséria, a crise energética, a corrupção, e assim têm merecido tratamentos diferenciados e independentes. Contudo, ao se analisar de uma forma crítica as origens dessas questões, pode-se considerar que elas estão interconectadas e que podem ser pensadas como parte de um todo (...) e, portanto não podem ser enfrentadas efetivamente senão dentro de um enfoque integrado mediante o enfrentamento das suas origens (Moraes, 2004, p. 04).

4.3 REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Para uma segunda análise, os entrevistados do EREBio e do CEB foram classificados em dois grupos, com base em sua formação profissional: (1) ESTUDANTES, que engloba alunos de ensino médio, graduação e pós-graduação; e (2) PROFISSIONAIS, que engloba professores de educação básica e ensino superior e/ou graduados. Gostaria de ressaltar que dentro do grupo PROFISSIONAIS, no EREBio a imensa maioria se denominou “professor”, enquanto no CEB o grupo ficou bastante dividido entre “professores” e “biólogos”. Entenda-se como “biólogos” pessoas que possuem graduação em Ciências Biológicas e que, no momento da pesquisa, desenvolviam atividades diversas, que não se enquadram nem como estudante nem como professor. Essa diferença entre os públicos justifica-se pelo caráter de cada encontro, de forma que já era esperado que a maioria do público do EREBio fosse de professores ou estudantes, enquanto o CEB atrai pesquisadores e profissionais de áreas relacionadas à Ciência e Ecologia, que podem não atuar como professores.

A distribuição percentual das respostas, obtidas nas entrevistas realizadas no EREBio e CEB e separadas entre Estudantes e Profissionais, é mostrada na Tabela 3. Essas respostas foram reunidas nos mesmos grupos descritos no início dessa seção.

PORCENTAGENS DE RESPOSTAS SEPARADAS POR FORMAÇÃO PROFISSIONAL

		Totalmente Representada	Elementos Naturais	Atividades Humanas	Figura Humana	Integração	Sem Especificação	Não está Representada	Total
EREBio	Estudantes	9,1	37,9	9,1	30,3	12,1	1,5	0	66 (100%)
	Profissionais	8,8	20,6	17,6	47,05	2,9	2,9	0	34 (100%)
CEB	Estudantes	13,75	28,75	3,75	32,5	11,25	8,75	1,25	80 (100%)
	Profissionais	13,6	27,3	13,6	31,8	0	13,6	0	20 (100%)

TABELA 3: Porcentagens das respostas obtidas entre estudantes e profissionais participantes do EREBio e CEB.

Ao observar a Tabela 3, uma primeira constatação que se faz é que, em ambos os locais de estudo, foram entrevistados mais estudantes que profissionais, sendo que no CEB 80% dos entrevistados foram estudantes. Essa diferença se deve, provavelmente, pelo fato de os estudantes serem mais numerosos nesses eventos e por eles serem geralmente mais acessíveis.

Além da prevalência dos estudantes nos eventos, nota-se que há uma diferença entre o padrão de respostas de estudantes e profissionais. Analisando apenas os quatro primeiros grupos de respostas, percebe-se que, entre os estudantes, há uma tendência um pouco maior de incluir “Somente Elementos Naturais” na resposta (“Totalmente Representada” e “Elementos Naturais”). Entre os profissionais, observa-se o inverso, a maioria das respostas foi reunidas em “Atividades Humanas” ou “Figura Humana”, o que demonstra que esse público inclui “Elementos Naturais e Humanos” em sua representação de meio ambiente, com mais frequência. Essas observações estão melhor apresentadas na Tabela 4.

REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE ENTRE ESTUDANTES E PROFISSIONAIS			
		Somente Elementos Naturais	Elementos Naturais e Humanos
EREBio	Estudantes	47	39,4
	Profissionais	29,4	64,65
CEB	Estudantes	42,5	36,25
	Profissionais	40,9	45,4

TABELA 4: Porcentagens das concepções observadas entre estudantes e profissionais participantes do EREBio e CEB.

Na pesquisa realizada por Moraes *et al.* (2000), de modo geral, também se constatou um predomínio da representação Naturalista entre os estudantes e da Globalizante entre os profissionais. O presente estudo reafirma essa constatação.

Ainda na Tabela 4, chamo a atenção para as porcentagens referentes aos profissionais do EREBio. Percebe-se que esse grupo destoa dos demais por apresentar uma porcentagem bem maior de respostas que incluem “Elementos Naturais e Humanos”, em comparação com as respostas que incluem “Somente Elementos Naturais”.

Dos 64,65% de respostas reunidas em “Elementos Naturais e Humanos”, temos que 47,05% incluem a figura humana (Tabela 3), ou seja, quase metade dos profissionais do EREBio tem uma representação Globalizante de meio ambiente, o que é maior que em qualquer outro grupo de entrevistados.

No trabalho de Moraes *et al.* (2000), o grupo social que teve maior similaridade com o padrão de respostas encontrado para os profissionais do EREBio, foram os entrevistados oriundos da área de Ciências Humanas e Sociais (presentes na reunião da SBPC) e os entrevistados do ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino). Também se percebeu que, entre os entrevistados da área de Ciências Humanas e Sociais, a prevalência de respostas Globalizantes foi maior entre os profissionais que entre os estudantes. No ENDIPE não foi feita distinção por formação.

Uma possibilidade de explicar a diferença encontrada entre os profissionais do EREBio e os demais entrevistados é considerar a formação profissional desse público, que, inevitavelmente, relaciona-se com o contexto social e cultural desses sujeitos. Professores presentes no EREBio, provavelmente, são licenciados e, possivelmente, fizeram pós-graduação na área de educação. É provável que esses sujeitos tenham mais contato com discursos que favoreçam a inclusão do ser humano, por isso, espera-se que eles reproduzam essa visão Globalizante em suas respostas.

A Tabela 3 apresenta outra informação que considero bastante interessante. Ao observar o grupo denominado “Integração”, percebe-se que as respostas nele reunidas foram obtidas, quase exclusivamente, de estudantes. Cerca de 12% dos estudantes, em ambos os eventos (EREBio e CEB), apresentou esse padrão de resposta, contra 2,9% dos profissionais do EREBio e nenhum profissional do CEB.

As respostas reunidas no grupo “Integração” se caracterizam pela inclusão, ao cartaz, de elementos que remetem a ideias como integração, conexão e não fragmentação, exclusivamente. Ou seja, para esses entrevistados, meio ambiente é representado pelos elementos (naturais)

do cartaz, porém mais integrados, conectados e menos fragmentados. Embora seja uma visão Naturalista, neste trabalho foi colocada em outra categoria de análise, por sua especificidade. Alguns exemplos de respostas:

“Está tudo fragmentado e podia estar mais conectado” (estudante, CEB)

“Falta interação entre os quatro ambientes” (estudante, CEB)

“Muito isolados os ecossistemas, falta interação, cadeias alimentares”
(estudante, EREBio)

“O bioma está difuso, falta complexidade, conexão, está muito separado” (estudante, EREBio)

No trabalho de Moraes *et al.* (2000), as respostas que incluíam exclusivamente a ideia de integração apareceram, mas com menos frequência, e, ao contrário do presente trabalho, elas foram mais prevalentes entre profissionais do que entre estudantes.

Buscarei, a partir de agora, aprofundar a observação no grupo de respostas “Integração”, a fim de perceber em quais condições esse discurso foi construído e por quais sujeitos.

4.4 A IDEIA DE INTEGRAÇÃO NAS REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE

Como explicado anteriormente, no grupo “Integração” foram reunidas as respostas que incluíam exclusivamente palavras que remetessem à ideia de integração. Porém, essa ideia também apareceu em respostas que foram reunidas em outros grupos. Um exemplo disso é a frase: “Falta ser humano, os quatro elementos e mais interação” (estudante, CEB). Essa resposta, apesar de trazer claramente a ideia de integração, foi colocada no grupo “Figura Humana”, pois trazia também o ser humano. Isso aconteceu em outros casos, de forma que a totalidade das respostas que incluíram a ideia de integração não pode ser observada pelas tabelas 1 ou 3. Por isso, foi construída a Tabela 5, que reúne todas as vezes em que a ideia de integração apareceu nas respostas, mesmo quando incluídas em outros grupos.

NÚMERO DE RESPOSTA QUE INCLUÍRAM A IDEIA DE INTEGRAÇÃO

		Elementos Naturais	Atividades Humanas	Figura Humana	Integração	Sem Especificação	Não está Representada	Total
EREBio	Estudante	2	0	4	8	0	0	18
	Profissional	0	0	3	1	0	0	
CEB	Estudante	0	0	4	9	0	0	13
	Profissional	0	0	0	0	0	0	
Cúpula		0	0	0	0	0	1	1
População em Geral		0	0	0	0	1	0	1

TABELA 5: Número total de respostas que incluíram a ideia de integração, separadas por grupo e local de estudo.

Como é possível observar na Tabela 5, no EREBio e no CEB o número de entrevistados que incluíram a ideia de integração em suas respostas é maior que nos demais locais de estudo. No EREBio 18 entrevistados fizeram referência à integração; contra 13 no CEB; 1 na Cúpula; e 1 na População em Geral.

Acredito que as condições de produção dessas respostas (ou discursos) foi um fator importante para essa diferença. O tema do EREBio Sul 2011 foi “Os desafios da ciência entremeando culturas”. Pelo tema, nota-se que o encontro foi marcado por um forte olhar sobre a cultura e sua relação com a ciência, assim questões como contextualização e integração dos conhecimentos estavam muito em voga no momento. Uma recordação marcante que tenho é de uma mesa redonda em que se discutia basicamente a importância de um ensino “inter, multi e transdisciplinar”, que promova uma visão holística sobre as questões científicas e sociais, de modo a integrá-las. Era, justamente, nos intervalos de discussões como essa que eu abordava os participantes do encontro, a fim de entrevistá-los. Por isso, considero que esse ambiente possa ter influenciado nas respostas e nesse predomínio da ideia de integração no EREBio, quando comparado aos demais locais de estudo.

Como dito anteriormente, a maioria das respostas que incluíam Integração foi obtida de estudantes. No EREBio 14 estudantes se referiram à integração, contra 4 profissionais. No CEB, apenas estudantes (13) incluíram integração em suas respostas.

Esses resultados demonstram que a enunciação de palavras que remetem à integração ou a um olhar mais integrador sobre o meio ambiente é mais presente entre estudantes. Talvez esse discurso tenha sido introduzido mais recentemente nos cursos de graduação na área de Ciências Biológicas e afins e, talvez, por isso, seja mais prevalente entre estudantes do que entre profissionais da área. Porém, apenas com os dados obtidos nesta pesquisa não há como chegar a essa conclusão.

Se observarmos a imagem (ANEXO 1) que serviu como base para as respostas, percebe-se que a fragmentação é algo bastante marcante nela. Há uma nítida separação entre a mata, a água, o céu e os animais. Contudo, um número pequeno de entrevistados mencionou ou demonstrou insatisfação com essa questão. Dos 400 entrevistados, apenas 33 (Tabela 5) mencionaram a questão da integração. Isso reforça a percepção de que a fragmentação é muito presente na visão de mundo e na memória discursiva da sociedade contemporânea.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos resultados obtidos e discutidos neste trabalho, é possível sugerir algumas evidências com relação às representações de meio ambiente e aos sentidos dominantes nessas representações.

Uma primeira evidência é que os percentuais das representações Naturalistas e Globalizantes (Reigota, 1995) se mantiveram praticamente constantes, entre a População em Geral, nos últimos quinze anos.

Outra evidência é o predomínio da representação Naturalista de meio ambiente, em especial, entre a População em Geral. No entanto, essa representação não possui um discurso homogêneo, ao contrário, ela abarca diversos discursos e sentidos. Destaco aqui o discurso preservacionista; o que exclui espécies exóticas e/ou domesticadas; o que limita o meio ambiente às florestas; e o que inclui os índios numa perspectiva naturalista.

Os dados obtidos sugerem também que, nos últimos quinze anos, houve um aumento da representação Globalizante (Reigota, 1995) de meio ambiente, entre estudantes e profissionais de áreas relacionadas às Ciências Biológicas (ou Ciências da Vida). Além disso, os resultados demonstraram que professores de Ciências e Biologia apresentam representações Globalizantes de meio ambiente com mais frequência que os demais públicos estudados neste trabalho.

Verificou-se que dentro das representações que incluíam “elementos naturais e humanos” também havia diferentes discursos. Destaco aqui os discursos que incluem o ser humano; os que incluem o espaço físico (com elementos antrópicos), mas que não citam o ser humano; os que entendem ambiente urbano como sinônimo de meio ambiente; e os que compreendem o ambiente como um problema.

O trabalho demonstra que as representações de meio ambiente sofrem influência das visões de mundo e das condições de produção dos discursos. Com relação às condições de produção, faço uma consideração sobre o cartaz da III Reunião Especial da SBPC (ANEXO 1), que serviu de recurso para as entrevistas e estímulo às respostas. O cartaz apresenta determinados elementos (aqui considerados “naturais”) que podem ter direcionado algumas respostas. Acredito que se a composição do cartaz fosse outra, provavelmente, os resultados obtidos nas entrevistas seriam diferentes. Considero que todo e qualquer método está sujeito a esse tipo de influência, de forma que não há muito como

evitar essa situação, no entanto, acho importante ressaltá-la.

Nessa pesquisa, procurei investigar diferentes sentidos presentes nas representações de meio ambiente, na tentativa de ampliar o olhar e atribuir significados a elas. Diante da diversidade de percepções sobre o meio ambiente, talvez seja arbitrário atribuir classificações às maneiras de compreender e representar esse ambiente. Acredito que não haveria categorias suficientes para refletir tudo o que as pessoas pensam e, principalmente, como se posicionam frente às questões ambientais. Também é muito difícil identificar a origem dessas representações, ainda assim fiz um esforço de relacioná-las com as visões de mundo em busca de possíveis explicações, que, provavelmente, passam pela cultura, história, educação e experiências vividas.

Aí reside a emaranhada teia de fios, novelos, matizes e entrelaçamentos que convidam à construção de um novo saber que, sobretudo, ousa ser humilde em reconhecer um processo de aprendizagem jamais concluído. O desafio é o de aceitar que uma pesquisa pode não resolver os dilemas ambientais (...)

(Sato; Carvalho, 2008, p.12)

6. REFERÊNCIAS

ARANTE, J. S. N. **Investigando a construção de sentidos sobre o ambiente em visitas de crianças a um colégio agrícola.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BOER, N. **Educação ambiental e visões de mundo:** uma análise pedagógica e epistemológica. 2007. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

BRASIL. Lei Nº. 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. **Diário Oficial** [da União], Brasília, 2 set. 1981. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L6938org.htm>>. Acesso em: 02 mai. 2013.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos.** Apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, M. S. **Abordagem das questões ambientais nas séries iniciais do 1.º grau na região de Criciúma, SC.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

COBERN, W. W. **Worldview theory and science education research.** Manhattan, Kansas, USA: The National Association for Research in Science Teaching, 1991.

CUNHA, T. S.; ZENI, A. L. B. Representação social de meio ambiente para alunos de ciências e biologia: subsídio para atividade em educação

ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, v. 18, p. 151-162, jan. - jun., 2007.

CÚPULA DOS POVOS (*website*)., 2012. **Cúpula dos Povos na Rio+20 por Justiça Social e Ambiental**. Disponível em: [http://cupuladospovos.org.br/]. Acesso em: 27 mar. 2013.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1992.

DISINGER, J. F.; TOMSEN, J. L. Environmental Education Research News, **The Environmentalist**, v. 15, n. 1, p. 3-9, 1995.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FLÔR, C. C; CASSIANI, S. **Quando o dizer de um sujeito é objeto de pesquisa**: contribuições da Análise do Discurso Francesa para a compreensão da fala de professores em situação de entrevista. Ensaio. Pesquisa em Educação em Ciências, v. 10, p. 1-16, 2008.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GUARESCHI, P. Representações sociais: alguns comentários oportunos. In: NASCIMENTO, C. M. (Org.). **Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social**. Florianópolis: Imprensa Universitária/UFSC, 1996. p. 9-35.

GOODALL J. **Uma janela para a vida**: 30 anos com os chimpanzés da Tanzânia. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1991.

LUCKESI, C. C. Avaliação da Aprendizagem na Escola e a Questão das Representações Sociais. **Eccos Revista Científica**, vol. 4, fac. 02. Universidade Nove de Julho, São Paulo, p. 79-88, 2002.

MORAES, E. C. Abordagem relacional: uma estratégia pedagógica para a educação científica na construção de um conhecimento integrado.

Atas do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação. Porto Alegre: s/n, 2004.

MORAES, E. C.; COLOMBI, A. N. K. Sustentabilidade e educação biológica: Uma perspectiva relacional. **Anais Conferência Internacional de Educação Biológica, Desenvolvimento Sustentável, Ética e Cidadania**, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MORAES, E. C.; LIMA JUNIOR, E.; SCHABERLE, F. A. Representações de Meio Ambiente entre estudantes e profissionais de diferentes áreas do conhecimento. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, Edição Temática Representações Sociais e Interdisciplinaridade, p. 83-96, 2000.

ORLANDI, E. P. **Discurso & leitura**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da UNICAMP, 2000.

PÁDUA, E. M. M. **Análise de Conteúdo, Análise de Discurso**: questões teórico-metodológicas. *Revista de Educação (PUC-Campinas)*, Campinas, p. 21-30, 01 nov. 2002.

PEREIRA, P. B. **O Meio Ambiente e a Construção de Sentidos no Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

REIS, S. L. A.; BELLINI, M. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences. Maringá, v. 33, n. 2, p. 149-159, 2011.

RIBEIRO, L. M. **O papel das representações sociais na educação ambiental**. Dissertação (Mestrado). Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

SÁ, C. P. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. **Revista Temas em Psicologia**, nº 3, p. 19-33, 1996.

SATO, M. **Educação para o Ambiente Amazônico**. Tese de Doutorado. PPG-ERN, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 1997.

SATO, M; CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental** [recurso eletrônico]: pesquisa e desafios. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SAUVÉ, L. **Environmental Education and Sustainable Development: A Further Appraisal**. Canadian Journal of Environmental Education, 1, p. 7-34, Spring, 1996.

SCHÜLZE, C. M. N. Representações sociais da natureza e do meio ambiente. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, Edição Temática Representações Sociais e Interdisciplinaridade, p. 67-81, 2000.

SENA, R. M. **Construindo sentidos sobre o ensino de ciências da pedagogia Waldorf**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SEEMANN, T. M. S. **Visões de mundo e representações de meio ambiente entre licenciando da UFSC**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

V EREBIO SUL, 2011 (*website*). **V Encontro Regional de Ensino de Biologia – Regional Sul**. Disponível em: [<http://www.uel.br/ccb/biologiageral/eventos/erebio/erebio.html>]. Acesso em: 27 mar. 2013.

X CEB, 2011 (*website*). **X Congresso de Ecologia do Brasil**. Disponível em: [<http://www.xceb.com.br/site/>]. Acesso em: 27 mar. 2013.

ANEXO 1 – Cartaz publicitário da III Reunião Especial da SBPC



ANEXO 2 – Questionário

PROJETO: AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DE MEIO AMBIENTE

RESPONSÁVEL: PROF. EDMUNDO CARLOS DE MORAES – CCB – UFSC

INTRODUÇÃO: Um grupo de estudos da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC está realizando uma pesquisa sobre o modo como as pessoas compreendem o conceito de Meio Ambiente. Você poderia colaborar com essa pesquisa respondendo a duas perguntas e fornecendo alguns dados pessoais?

PERGUNTAS:

1) De que modo a sua concepção de Meio Ambiente está representada nesta figura?

(A) Totalmente

(B) Parcialmente

(C) De nenhum modo

2) Se você respondeu B ou C na questão anterior, o que você acrescentaria à figura para que sua concepção de Meio Ambiente estivesse melhor representada?

ANEXO 3 – Cartão de respostas

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo: F ☐ M ☐ Idade:

Atividade profissional:

Formação profissional:

Pergunta Nº 1 –

Pergunta Nº 2 –

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo: F ☐ M ☐ Idade:

Atividade profissional:

Formação profissional:

Pergunta Nº 1 –

Pergunta Nº 2 –

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo: F ☐ M ☐ Idade:

Atividade profissional:

Formação profissional:

Pergunta Nº 1 –

Pergunta Nº 2 –